

# Um Novo Sistema Global

## VI Reunião Anual do Clube de Roma

De 12 a 17 de outubro, reuniu-se em Berlim Ocidental o VI Congresso Anual do Clube de Roma.

Criação do industrial italiano Aurélio Peccei, o Clube de Roma patrocina estudos e mobiliza congressos internacionais para o debate das grandes alternativas com que se defronta a humanidade neste final de século e de milênio. O interesse suscitado pelo tema explica-se a partir da convicção generalizada de que os problemas que pesam hoje sobre o homem têm uma característica dramática: se não forem adotadas para eles soluções imediatas, eles levarão ao colapso o sistema mundial.

É conhecido o impacto do primeiro estudo no gênero, realizado sob os auspícios do Clube de Roma, por uma equipe do MIT (Massachusetts Institut of Technology), chefiada pelo Professor Daniel Meadow, e cujos resultados foram resumidos no livro: "Limits to growth". Tal estudo teve o mérito de utilizar, pela primeira vez, um

modelo que permitia compreender as interrelações de 5 principais variáveis do sistema global (world system): população, produção industrial e agrícola, utilização de recursos não renováveis e taxa de poluição. Analisadas em escala mundial, mostraram através de suas interdependências, que o crescimento tem um limite. Infelizmente, partindo desta constatação, a equipe do MIT concluía: uma vez que o crescimento exponencial das 5 variáveis fundamentais conduz para o colapso o sistema mundial, é indispensável impor desde já uma tendência ao crescimento zero; é indispensável substituir a meta do desenvolvimento pela do equilíbrio. Conclusão desalentadora e inaceitável, especialmente para os países em desenvolvimento, que deveriam pagar o preço da estagnação para conjurar um perigo do qual não eram responsáveis; que deveriam aceitar a consolidação de uma situação internacional profundamente desequilibrada, em nome de uma exigência de equilíbrio.

O VI Congresso do Clube de Roma teve dois pontos altos: a apresentação e discussão de um novo modelo mundial; e a análise das grandes alternativas em um painel de humanistas.

O modelo foi preparado, após três anos de trabalho, pelos Professores Mihajlo Mesarovic, da Universidade de Cleveland, e Eduard Pestel, da Universidade de Hannover, que mobilizaram uma equipe de mais de 50 especialistas, das mais variadas especialidades. O modelo trabalhou com um sistema de 100.000 equações e permitiu em termos de custos reais, as possíveis soluções para os dois problemas cruciais: a crise da energia e a crise da alimentação.

O Modelo Pestel-Mesarovic parte da constatação de que o mundo de hoje já constitui um sistema integrado: qualquer modificação em um dos subsistemas que o compõem tem repercussões inevitáveis nos outros subsistemas. O problema que os autores se propunham era assim compor um modelo que revelasse as interdependências do sistema e oferecesse aos responsáveis pelas decisões, um instrumento racional permitindo antecipar as consequências em cadeia das diversas opções.

Em vez de considerar o mundo como uma totalidade indiferenciada, o modelo o decompõe em 10 subsistemas ou regiões interdependentes. Distingue 6 estratos diferentes, desde o ecológico até o psico-social, e utiliza vários cenários, ou horizontes culturais, que podem influir no funcionamento do modelo.

Pestel-Mesarovic chegam à conclusão de que não é realista a previsão de um colapso do sistema global. Cada um dos 10 subsistemas se situa a distâncias diversas de uma superfície de impacto, mas nenhum deles se desloca sem determinar reações nos outros subsistemas. Assim, a grande estratégia que se impõe à humanidade hoje, não é a tendência a uma taxa nula de crescimento,

mas a urgência de um crescimento orgânico e diferenciado. Esta urgência tem um preço, e o modelo permite calcular o aumento exponencial dos custos da protelação das soluções racionais.

A grande mensagem que deixou a análise do modelo foi a exigência da solidariedade na promoção. Não se trata apenas de uma exigência ética ou de um apelo patético à caridade internacional. Trata-se de uma exigência de sobrevivência. Hoje é possível calcular em dólares o custo do egoísmo e da irresponsabilidade.

Do painel de humanistas, participaram 10 pensadores de contextos filosóficos e culturais diferentes, os quais à base de 4 comunicações previamente preparadas, por quatro dentre eles, discutiram perante o grande público, a maneira pela qual cada um deles vê as grandes alternativas da humanidade hoje.

A participação dos painelistas ressaltou com extraordinário vigor alguns pontos que, de certo modo, complementavam as conclusões deduzidas da análise do modelo.

Entre estes pontos, destacamos em primeiro lugar, a temática do Estado-nação. Foi este um instrumento válido que desempenhou uma função histórica numa fase do desenvolvimento da humanidade que vai desde a superação do feudalismo até nossos dias. Hoje, ele começa a revelar-se como um dos mais sérios obstáculos ao progresso científico-tecnológico da humanidade, e ao equacionamento de problemas imensos, que só podem ser resolvidos em escalas supranacionais.

Um segundo ponto, posto em foco pelos painelistas, foi o impasse a que chegou a sociedade de consumo, impulsionada exclusivamente por modelos quantitativos, e que levou à utilização abusiva e destruidora de recursos naturais cada vez mais escassos. Impõe-se a busca de novos modelos de realização dos homens e das comunidades, a baixos custos ecológicos.

Este segundo ponto enfatizado ofereceu base para o terceiro: a grave responsabilidade das sociedades afluentes. Poucas vezes tenho ouvido ou lido ataques tão violentos às nações prósperas e apelos mais patéticos em favor do terceiro e de um quarto mundo, ou seja, do mundo subdesenvolvido, e do mundo que já perdeu todas as chances de se desenvolver.

Enfim, um quarto ponto destacado foi o risco de imensa alienação coletiva de uma humanidade que entrega seus destinos à nova classe dos tecnocratas, para que resolvam os problemas criados pelo próprio desenvolvimento.

\* \* \*

Uma apreciação global dos trabalhos do Congresso revela que ele chegou a dois importantes resultados.

O primeiro foi a tomada de consciência clara de que o processo de desenvolvimento da humanidade, que deve continuar, não tem apenas limites inferiores, mas também limites superiores. Ele não é limitado apenas por carências básicas, das quais a crise de energia e a crise da alimentação constituem os desafios mais urgentes. Ele é limitado também por carência de valores espirituais e éticos, que o ameaçam tão severamente quanto os limites inferiores. O aferro a altos padrões de consumo, as susceptibilidades nacionalistas, os egoísmos regionais, a alienação das massas populares, são outros tantos falsos valores que podem bloquear o caminho a um desenvolvimento orgânico do sistema mundial que se apresenta como a mais promissora possibilidade ainda oferecida ao homem neste final do milênio.

O segundo resultado foi a descoberta do valor do modelo apresentado como instrumento de decisões racionais, práticas e concretas. Havia no Congresso representantes de mais de 50 países, totalizando mais de 300 participantes. Generalizou-se a convicção de que o novo modelo não é um jogo sofisticado, uma simulação imaginosa, para a distração de cientistas herméticos, mas um explicitador de conclusões que podem e devem ser imediatamente implementadas.

O Clube de Roma apareceu assim como uma iniciativa providencial para alertar uma humanidade que corria o perigo de caminhar festivamente para um irremediável colapso.

\* \* \*

É curioso notar que muitas das questões agitadas no Congresso, já tinham sido levantadas pela Igreja em vários de seus pronunciamentos. De certo modo, pode-se dizer que o Congresso traduziu em linguagem técnica e demonstrou com recursos científicos, o que já a Igreja prevenira a partir de uma intuição quase instintiva. A Igreja já falara sobre a importância decisiva dos valores éticos, já alertara para a exaustão dos modelos quantitativos, já denunciara o egoísmo dos grupos e nações, já fizera apelos patéticos em favor da solidariedade na promoção. Como explicar essa coincidência? O amor da Igreja pelo homem, pelo qual Cristo morreu, oferece uma primeira explicação. O amor tem uma admirável acuidade de intuição, que se antecipa de muito aos equacionamentos científicos. Mas, por outro lado, e aqui estaria uma segunda explicação, é também verdade que o Espírito suscita seus profetas onde Ele quer, e muitas vezes onde menos os esperamos. E eu ouvi vozes, dos mais variados quadrantes sociais, culturais, religiosos e ideológicos, onde era difícil não presentir que nelas vibrava o sopro do Espírito.